



MOSCOVICH, Cíntia. *Essa coisa brilhante que é a chuva*. Rio de Janeiro: Record, 2012. 140p.

O brilhante cotidiano de Cíntia Moscovich

Filipe Amaral Rocha de Meneses*

Sempre nova e brilhante, Cíntia Moscovich apresenta o cotidiano, o corriqueiro e o efêmero em suas, aparentemente, simples narrativas. Na coletânea de contos *Essa coisa brilhante que é a chuva*, a escritora compila pequenas histórias, reúne narrativas que se entrelaçam e colocam o leitor diante de um mundo, às vezes, curioso ou cruelmente descrito em sua singeleza. Segundo Ricardo Piglia, o conto deve encerrar duas histórias, uma subjacente a outra. A oculta seria, assim, fragmentária e elíptica e o contista, ao conseguir estruturar tal feito, seria bem-sucedido. Moscovich, veterana nessa forma de escrita, não deixa por menos. Ao narrar os feitos corriqueiros de personagens simples e do cotidiano, reproduz o brilho da chuva, isto é, o que poderia ser visto como simples preciosidades da vida.

Essa coisa brilhante que é a chuva seria, na verdade, um grande poema, uma ode a vida ou, como afirma Fabrício Carpinejar na contracapa, “uma reunião de contos tão coesos que mais parecem uma só narrativa.” Para Carpinejar, “trata-se de uma reunião de origamis narrativos, leques ficcionais, aparadores literários”. De fato, a reunião desses contos, talvez os únicos sobreviventes entre outros tantos que não foram escolhidos para a coletânea, não aparenta ter sido aleatória, mas trazem uma linha contínua, uma mesma vibração, que também confere brilho e destaque.

A palavra “sobrevivente”, reiteradamente usada pelos narradores dos contos, não surge entre as páginas de forma leviana. Desde a dedicatória do livro em memória do pai, também da mãe e de todos que sobreviveram e sobreviverão, nos agradecimentos finais, esse mote é repetido. No contexto da literatura judaica, tal palavra traz também a lembrança da Shoah, da enorme catástrofe. Num contexto mais geral, diz-se que somos todos sobreviventes de nós mesmos, ao contrário do que afirmou Murilo Mendes: “Não sou meu sobrevivente, e sim meu contemporâneo.” Para Moscovich, em seu contexto, seria uma lembrança à efemeridade da vida e do cotidiano.

Retomando as teorias de Piglia sobre o conto poder encerrar duas histórias, pode-se dizer que Moscovich é ainda capaz de tramar outros significados,



urdindo e fiando as dores e as alegrias da vida. No primeiro conto, “Gatos adoram peixe, mas odeiam molhar as patas”, uma típica história de contexto judaico, também é a típica história familiar. Uma superprotetora *ídiche mame*, com seu “bebezinho” de 48 anos de idade, o solteirão e infantilizado Saulzinho (o diminutivo não é por acaso) são os protagonistas dessa história de pais e filhos. A narrativa traz em pano de fundo a massacrante e proverbial relação de superproteção das mães judias, preocupadas com o bem-estar de seus filhos, independente de suas idades.

No início da narrativa, Saulzinho conclui que finalmente deverá se rebelar contra os excessivamente infantis tratos de sua mãe, que quase não o deixa falar e muito menos se importa com suas reclamações. Entretanto, em meio às falações da mãe durante o jantar, de queixas sobre os preços do mercado, a mãe afirma que anda muito sozinha e que Seu Natálio tem aparecido em casa para vê-la. Dá-se, assim, uma guinada na narrativa, uma mudança de perspectiva. O que anteriormente parecia ser a tentativa frustrada do filho em buscar sua independência aos 48 anos, na verdade, vem a ser a busca da mãe de sua liberdade em relação ao filho. A mãe *ídiche* passa, assim, a dar menos atenção ao filhinho e mais a Natálio, agora sem o “seu” antes do nome, o que revela a intimidade com o vizinho. Por fim, a independência é, finalmente, conquistada pela mãe, mas sofrida por Saulzinho, uma vez que sua mãe sai de casa para se casar com Natálio. Completa-se, desse modo, o ciclo que Piglia afirma ser o fim surpreendente do conto, a revelação de uma trama real subjacente.

Em outro conto, “Aos sessenta e quarto”, com epígrafe retirada de uma música de Lennon e McCartney, (*Will you still need me, will you still feed me When I'm sixty-four?* [Você ainda precisará de mim, você ainda me alimentará aos 64 anos?]) Moscovich apresenta a protagonista Neide se observando e percebendo-se velha e solitária. Doceira famosa do bairro, arrimo de família, a personagem sempre soube apenas trabalhar e cuidar de tudo. Com um marido desempregado crônico, os filhos gêmeos já criados e vivendo suas próprias vidas, Neide se sente sozinha em meio aos doces, tortas e bolos de laranja com creme. Outra vez, a exemplo de *Por que sou gorda, mamãe?*, Moscovich traz à tona o drama familiar em meio a quitutes e outras delícias culinárias. Drama de uma mulher só, em meio a muito trabalho, marido e filhos ausentes. Seu drama intensifica-se com a afirmativa do médico: “Será que poderia voltar aqui amanhã acompanhada?”.

Novamente, uma quebra na narrativa traz à tona uma segunda história, que emerge da primeira. Como Neide poderia encarar uma doença séria, acompanhada do marido e dos filhos, esses ausentes, ela que já se considerava



só? Após a notícia, o pensamento da protagonista, em turbilhões, é minuciosamente relatado. Numa cena, forte e brilhante, Neide se observa nua diante do espelho antes do banho. Então, o banho e a decisão. Piglia cita ainda, em suas observações sobre o conto, um ponto de vista de Ernest Hemingway sobre as narrativas, a teoria do *iceberg*, ou seja, o mais importante nunca se conta, fica subentendido, uma alusão, o não dito. Dessa maneira, Neide não compartilha sua decisão de se tornar independente, confiante em si mesma. Simplesmente executa tudo que julga necessário para esse fim.

Neide, confusa, enfrenta, só, a sala de cirurgia. Surge, assim, uma narrativa embaralhada, dos delírios causados pela anestesia. Ela, então, pensa sobre tudo o que se passou: o sucesso da cirurgia, as mudanças na vida, o renascer. O desfecho surpreendente aguarda o leitor e é a marca de todas as narrativas desse livro.

Cíntia Moscovich inscreve-se, assim, numa importante tradição de contistas brasileiros, como Machado de Assis e Moacyr Scliar, que com ironia e leveza, tecem as delicadas relações humanas, na intrincada escrita do mundo.

* **Filipe Amaral Rocha de Meneses** é Mestre em Letras: Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.